

21. Negrões

Nesta freguesia há os castros de Negrões, de Vilarinho e de Lamachã. O de Negrões domina um desfiladeiro, e tinha o recinto fechado por pedras naturais e muralhas, de que ainda há vestígios. Junto e a Leste do castro fica a *Corga dos Mouros*, e ao Norte a *Fonte do Castro*. Nos penedos vêem-se *fossetes*.

O castro de Vilarinho fica num monte escarpado, e dêle ainda restam vestígios de muralhas e dos alicerces dum casebre. Próximo e a Oeste fica a chamada *Fonte do Crasto*. Os penedos têm *fossetes*, e a uns 100 metros a Leste parece verem-se algumas pedras naturais cavadas em forma de pias.

No castro de Lamachã vêem-se vestígios de fôssos, de muralhas dispostas em andares, e de alicerces de casebres circulares e rectangulares. Alguns penedos têm *fossetes*. Próximo e a Noroeste fica o sítio da *Grova*, e ao Sul a *Fonte da Moura*, onde alguns crendeiros têm perdido muito tempo em escavações à procura de riquezas encantadas.

Entre Negrões e Lamachã fica o sítio do *Pôrto das Antas*.

22. Mourilhe

No aro desta freguesia há um cabeço denominado *Castro*.

Montalegre, Junho de 1914.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

Ceraunias

Tratando de pedras preciosas, menciona Plínio entre elas a *ceraunia* (sc. *gemma*), de que havia várias especies, mas de que só aqui importa indicar tres: uma de fôrma redonda, e de côr preta, chamada *betulus*, que servia para, pela sua acção, fazer render cidades cercadas, e frotas em combate; outra, de fôrma comprida, e de côr rubra, chamada *ceraunia* propriamente dita (palavra correspondente ao adjectivô grego feminino *κεραύνια*, que deriva de *κεραυνός* «raio»); outra, muito procurada pelos magos dos Partos, que apparecia apenas onde caía raio. Acrescenta o mesmo A. que as duas primeiras tinham aspecto de machadinhas¹.

¹ Vid. *Naturalis Historia*, liv xxxvii, §§ 134-135.

Se condensarmos estas informações, podemos assentar que para a imaginação dos antigos, incluindo os Romanos, o raio era uma machadinha de pedra, que gozava de virtudes maravilhosas, superstição muito espalhada no tempo e no espaço, e ainda hoje vivíssima¹.

Já nas *Religiões da Lusitania*, I, 403-404, e II, 107, citei textos



Fig. 1

antigos (de Suetonio, Solino, Sidonio Apolinar, Claudiano, e S. Isidoro Hispalense), que dão a superstição da pedra de raio como existente na Iberia, e em especial na Lusitania. Esses textos venho commentá-los hoje com documentos ministrados pela Arqueologia nacional, e principalmente com o objecto desenhado na fig. 1, que representa um machado de pedra polida. Como é sabido, as «pedras de raio» actuais, de forma de machado ou machada, foram realmente instrumentos prehistoricos (neolíticos), que ficaram no seio ou á superficie da terra, desde tempos imemoriais. E no mesmo caso estão muitas «pedras de raio» antigas, como consta do livro de Blinkenberg, mencionado em nota, e como num trabalho analogo, publicado em 1877, o S.^{or} Émile Cartailhac havia tambem estabelecido.

Ora o machado representado na fig. 1 (tem 0^m,14 de comprimento, o gume muito apurado, e o resto grosseiramente talhado) appareceu, com mais dois, no filão de ferro da mina dos Monges, frêguesia de S. Tiago do Escoural, concelho de Montemór-o-Novo, — mina explorada na epoca romana². Ha nesta mina galarias estreitas, e em um buraco de uma d'elas estava uma lucerna de barro, do séc. I, que se vê na fig. 2. Pela parte superior ao local em que se encontrou a lucerna encontraram-se, num poço que comunicava com a galaria, qua-

¹ O mais recente trabalho que conheço sobre o assunto é o de Chr. Blinkenberg: *The thunderweapon in religion & folklore*, Cambridge 1911, rico de noticias, e claro. No que toca a Portugal, o A. unicamente lembra alguns poucos factos citados em revistas estrangeiras; tinha outros nas minhas *Tradiç. pop. de Portugal*, Porto 1882, p. 62 sgs., e nos *Ensaios Ethnographicos*, III, 142 (cf. IV, 139).

² *Escoural* está por **escoiral*, palavra derivada da greco-latina scoria, e correspondente à hespanhola *escorial*, que significa «terreno donde se han beneficiado minas de metales; lugar donde se echan las escorias» (Dicc. de la Academia). Em portuguez tambem *escorial* tem a significação de terreno em que apparecem escorias (Bairrada: vid. o *Novo Dic. da ling. portug.* de C. de Figueiredo, s. v.). Deve entender-se que estas escórias são antigas, geralmente provin-

tro anforas grandes, de 1 metro de altura, *plus minus*, terminadas em bico. Infelizmente os dois machados suplementares perderam-se, e as anforas quebraram-se, sumindo-se do mesmo modo os fragmentos. As anforas e a lucerna determinam a epoca da exploração da mina, — epoca romana, segundo se notou. É pois natural supôr que os tres machados estavam na mina com intuitos supersticiosos, isto é, como ceraunias ou «pedras de raio». Com que outro intuito estariam lá? Não conserva hoje o povo em casa, por todo o Portugal, e sobretudo na Estremadura e Alentejo, machados de pedra, a que liga grande importancia, pois os julga preservativos contra a trovoadas? «Onde está uma de tais pedras, diz ele, não cai raio».

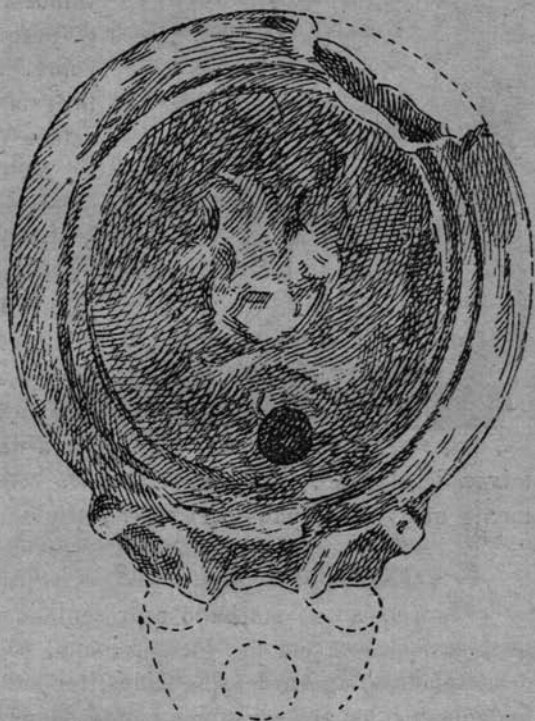


Fig. 2

A hipótese, que acima avengei, de serem ceraunias os tres machados de pedra da mina romana de Escoural reforça-se com o terem aparecido outros machados de pedra em minas antigas, posto que eu d'estas não possa determinar a data com tanta precisão como a respeito da primeira. Os novos machados são dois, e vão desenhados nas figs. 3 e 4.

das da epoca romana. No nosso onomastico a palavra *Escoural* aparece mais vezes, e com ela *Escoura*, por **escoira*. Em Hespanha ha um famoso mosteiro, denominado *San Lorenzo de Escorial*, e na Galiza encontram-se localidades que se chamam *Escoira*, *Escoiras*, *Escourello*, *Escoureda*, *Escoirida*. Estas tres últimas, palavras bem como *Escoural* e *Escorial*, tem morphologia analogá ás de *Pedreda*, *Pedrido* e *Pedral*. — Em vez de *Escorial* tambem em hespanhol se escreve *Escrual*. — De significação paralela ás palavras que me estão ocupando são no nosso onomastico *Ferreira* e *Ferraria*, que se encontram repetidamente.

O machado desenhado na fig. 3 mede 0^m,115 de alto, é mais apurado, no conjunto, do que o antecedente, e tem o gume um tanto gasto, de haver servido para fricção. Apareceu na mina da Carrasca, lugar das Quatro Freiras, concelho do Sabugal: estava com os entulhos vindos de um poço antigo



Fig. 3

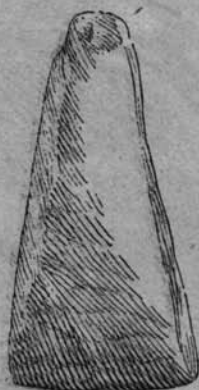


Fig. 4

de pesquisa, sobre um filanete de cobre. Havia mais quatro, que ficaram nas mãos de Antonio Gerales Vilas-Boas, hoje falecido.

Na fig. 4 temos, como disse, o terceiro e último machado: de 0^m,10 de comprido, polido nas duas faces maiores, um tanto gasto nas laterais, com gume nítido, e extremidade fallhada. Apareceu num entulho saído de uma excavação antiga de uma mina da serra da Queiriga (Çátão), mina talvez de estanho, explorada em epoca remota. Aí appareceu igualmente uma pá de pau (carvalho?), que se vê desenhada na fig. 5.

*

Com relação ao machado representado na fig. 1 não ha dúvida que ele appareceu em um local romano, e deve como os seus dois companheiros, agora desaparecidos, ter sido para ali levado por um trabalhador ou trabalhadores romanos ou lusitano-romanos. Com relação aos que se vêem nas figs. 3 e 4, não serei tão afirmativo, porque me faltam objectos claramente romanos que, como a lucerna, possam servir de data (a pá não sei ao certo a que epoca pertence): mas é possível que os trabalhos das minas datem da mesma epoca. Em todo o caso ficamos sabendo que em minas antigas, uma d'elas claramente do sec. I, appareceram nove machados neolíticos, que, segundo todas as probabilidades, foram colocados nelas como «pedras de raio» ou ceraunias. Esta noticia não deixa de ter sua importancia para o conhecimento da vida psiquica de nossos maiores.

Os machados neolíticos são amuletos gerais contra o raio, mas aqui especializaram-se por causa da analogia intima que se julga existir entre raio e mina metalica.

*

Passando agora a considerar factos conexos, pertencentes á Etnografia moderna, lembrarei, que por um lado, o povo diz que «as

minas atraem as trovoadas e por outro, que Santa Barbara, como noutros países catolicos, é advogada contra estas, e *ipso facto* padroeira dos mineiros em geral.

Na fig. 6 que extraio do *Acto* (ou *Auto*) de *Santa Barbara*, Porto 1790¹, vê-se a Santa pisando raios, ileza: tem na mão direita o ciborio, que os afugenta, e na esquerda a palma do martirio. De um lado está a torre em que jazeu encerrada, e do outro a sua capela. Aqui achamos nós intima relação entre raios e minas, a qual vem de muito longe, pois diz Justino que nos confins da Lusitania havia um *mons sacer* onde o raio, quando caía, punha ouro a descoberto, que se considerava dadiva do deus local². Santa Barbara cristianiza sem dúvida um mito pagão, como outros muitos santos cristãos. Na Mina de S. Domingos, no concelho de Mertola, até ha uma capela que lhe é dedicada³. Os mineiros festejam a Santa, levando-a em procissão, e dando tiros de polvora sêca. Em Aljustrel, tambem região mineira, festeja-se Santa Barbara com tiros de dinamite; outr'ora havia igualmente procissão. Os tiros significam simbolicamente trovões, como penso, e são ao mesmo tempo imitações e reminiscencias da scena final da historia da Santa Martir, pois seu pai, que lhe decepou a cabeça, morreu fulminado, por vingança do Ceu⁴.



Fig. 5

Na hierologia de outros povos encontramos cerimoniaes semelhantes, de character dramatico-imitativo. Assim a festa grega, de Dioniso ou Baco era acompanhada de danças executadas sobre odres cheios de vinho⁵. Em Roma, na festa de Diana, havia corridas em que se levavam archotes, por ela ser a deusa nocturna da luz⁶. Nos povos selvagens é vulgar imitar com cantos e danças os gritos e movimentos de certos animais, embora aqui se tenha em mente obter efeitos ma-

¹ Exemplar pertencente ao Museu Etnologico, onde existe outro da ed. de 1787 (Lisboa). O A. do auto é Afonso Alvares (sec. XVI).

² Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 104.

³ O nome da Mina provém do da Serra de S. Domingos em cujo sopé ella fica.

⁴ P.^o Luis Cardoso, *Breve noticia dos Santos*, t. I (1727), p. 22, onde se reporta ao Breviario Romano, dia 4 de Dezembro.

⁵ A. Maury, *Hist. des relig. de la Grèce antique*, II (1857), 188.

⁶ L. Preller, *Römische Mythologie*, 2.^a ed., feita por Reinhold Köhler, Berlin 1865, p. 280, e nota 4.

gicos¹. Na própria Igreja católica, o que é a celebração das endoenças, na semana santa, senão uma dramatização da paixão de Cristo?



Fig. 6

timos, que se cantam, no concelho de Mertola, a Santa Barbara algumas cantigas, por exemplo:

Ó Senhora Santa-Barbara,
Tenha dó dos barraneiros:
Trabalham d'baixo do chão
À luz dos seus candieiros,

onde *barraneiros* significa «mineiros», porque aos tiros que se dão na mina durante o trabalho, e aos tiros de dinamite, em geral, se chama

Tornemos á mina de S. Domingos. Na fig. 7 publico o desenho de uma medalha de níquel que se cunhou em 1904, por ocasião de uma festa excepcionalmente brilhante, ali celebrada em honra do orago da localidade:

Anv: SANCTVS DOMINGOS ORA PRO NOBIS. Igreja de S. Domingos.

Rev: FESTEJOS A S. DOMINGOS—MINA DE S. DOMINGOS. Capela da mesma Mina².

Embora a medalha nada tenha directamente com as ceraunias, publico-a como illustração do assunto.

Pelo mesmo motivo acrescentarei, por último,

a Santa Barbara algu-



¹ Cf.: Frazer, *Le rameau d'or*, 1, 20 sgs.; Carolina Stewart, *The origin of the werwolf superstition*, Missouri 1909, p. 9-10.

² Quem delineou a medalha, quis pôr os letreiros em português, mas deixou ir em latim *ora pro nobis*, por isto ser frase liturgica, e muito conhecida do povo, que a declama constantemente na ladainha. Igualmente pôs *Sanctus* por *São*.

barranos ou *barrenos*. Em vez de *barraneiros* tambem se diz *barreneiros*. Propriamente *barreno* é o buraco que se faz na rocha com a *barrena* ou «broca», mas depois passou a significar «tiro». A origem está em correspondentes palavras hespanholas (*barrena* «broca», *barreno* «orificio feito com a *barrena*», *barrenero* «o que leva *barrenas* aos mineiros»), o que não admira, pois S. Domingos fica perto de Hespanha.

Do que fica dito vê-se mais uma vez que o presente anda com frequência ligado ao passado, e que em geral um ha-de explicar-se pelo outro.



Fig. 7

*

Todos os objectos representados nas figuras pertencem ao Museu Etnologico: os cinco primeiros, por oferta que me fez o S.^{or} Carlos Van Zeller, Engenheiro de minas, que ao mesmo tempo me deu as informações que á descripção d'elles juntei; o sexto por oferta do S.^{or} Augusto de Vargas, de Mertola. A ambos estes illustres Senhores dou aqui público testemunho da minha gratidão.

Os desenhos que serviram para as figuras 1 a 5 e 7, foram feitos pelo S.^{or} Saavedra Machado, Desenhador do mesmo Museu. A figura 7 serviu de base a propria gravura do *Acto*.

J. L. DE V.

Arcos de ferradura

I

Há meses, num improvisado artigo que saíu publicado numa fôlha de Guimarães, não sei qual, mas aqui lhe agradeço a hospitalidade, tam raras vezes concedida a assuntos de arqueologia, e publicado, dizem-me, em grande estado de deformação, chamei para um problema, que se destaca da portada do Capitulo do claustro da Oliveira, a atenção dos poucos interessados. Êsse problema tem, na construção românica dessa portada, a razão dos arcos de ferradura